

## O ENSINO DE HISTÓRIA NA EJA

Maria Lúcia Monssão<sup>1</sup> & Loraci Hofmann Tônus<sup>2</sup>

1- Autora é professora de História de Cantagalo – PR. Aluna do Curso de Especialização em PROEJA, na UTFPR campus Pato Branco-PR. e-mail: [mlmonssao@yahoo.com.br](mailto:mlmonssao@yahoo.com.br) ; 2- Graduação em Letras-Ingês. Mestre em educação, pela UNESP de Marília-SP. Docente da UTFPR Campus Pato Branco. Docente do Curso de Especialização em PROEJA da UTFPR campus Pato Branco. Endereço: Via do Conhecimento, km 1, Pato Branco – PR, CEP 85503390.

**Resumo** - Este artigo compõe-se de parte do estudo já realizado para o trabalho monográfico de conclusão da especialização em PROEJA pela UTFPR de Pato Branco. O foco do estudo é a presença da disciplina de História nos currículos da EJA. E o ensino de História na valorização da diversidade cultural dos sujeitos, partindo das experiências dos próprios alunos da EJA do Município de Cantagalo Centro-Oeste do Paraná.

**Palavras-Chave:** Educação, EJA, História, Cultura Popular.

## THE TEACHING OF HISTORY IN THE EJA

**Abstract** - This paper consists of part of the study already performed for the monographic work of completion of the specialization PROEJA UTFPR of Pato Branco. The focus of the study is the presence of the discipline of history in the curricula of the EJA. And the teaching of history in promoting the cultural diversity of subjects, from the experiences of the students of the City of EJA Cantagalo Centro-Oeste do Paraná.

**Keywords:** Education, EJA, History, Popular Culture.

### 1. INTRODUÇÃO

A apresentação deste artigo está vinculada ao anseio de trabalhar com o que Burke (1982) chama de “pequena tradição” em cultura popular. As histórias e contos narrados por pessoas iletradas, e que hoje são alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), agricultores com idade avançada que acompanharam o desenvolvimento de sua comunidade e contam causos e lendas sobre a vida do interior de pequenos municípios, a exemplo do que historiadores europeus fizeram com a recuperação da memória de velhos camponeses de comunidades aldeãs. A isso Burke (1982) denomina a redescoberta da cultura do povo, especialmente dos camponeses.

Para Burke (1982), não é exagero afirmar que o trabalho com canções, histórias e contos populares conduziu à apresentação de uma tradição que pode ser apontada como a semente dos grandes épicos literários ou musicais.

No caso deste artigo, essa forma de cultura que se

evidencia nas lembranças e histórias dos alunos da EJA do município de Cantagalo/PR apresenta-se como manifestação do claro desejo de redescobrir nas memórias das pessoas mais antigas da comunidade, os reflexos culturais de uma classe que sempre trabalhou com as lidas da terra e que na sua simplicidade transmite de pai para filho, de mãe para filha, há muitas gerações, histórias que povoam as lembranças de todos os moradores e que produzem no imaginário comunitário todo um quadro sócio-cultural.

Esses pequenos contos, esses causos quase esquecidos, essas narrativas feitas com imaginação e saudades, são parte da vida e do cotidiano dos alunos que freqüentam a EJA, mas são também parte de uma cultura popular feita pelo povo iletrado que, muitas vezes, a cultura elitizada tende a reprimir e apagar do contexto histórico, estabelecendo relações políticas de poder e opressão.

Cria-se, assim, distância entre intelectuais e massas incultas, e favorecendo a divisão de classe por meio

de projetos culturais civilizadores.

Nesse contexto a problemática desta pesquisa é clara: Qual o interesse em ouvir, registrar e selecionar histórias dos alunos da EJA do pequeno município Cantagalo, no interior do Paraná? Essas histórias têm relação com as que são contadas por outras comunidades ou municípios? Quais as que mais se repetem? De que forma são transmitidas e quais os seus reflexos sobre o imaginário popular?

Quer-se acreditar que essas respostas poderão conduzir à uma reflexão bastante propícia sobre a cultura popular dos alunos que freqüentam a EJA, residentes nas pequenas comunidades do interior do Paraná.

Parte-se da idéia de que a consciência de classe se constrói nas experiências cotidianas comuns, a partir das quais são tratados os comportamentos, valores, condutas, costumes e culturas segundo a linha de pensamento da Nova História Cultural e da Nova Esquerda Inglesa.

As Diretrizes Curriculares de História propõem que o ensino de História precisa ser trabalhado de forma que possa possibilitar ao aluno a idéia de consciência histórica. Entendendo-se que a consciência histórica é uma condição da existência do pensamento humano, pois sob esta perspectiva os sujeitos se constituem a partir de suas relações sociais, em qualquer período e local do processo histórico, ou seja, a consciência histórica é inerente à condição humana em toda a sua diversidade.

## **2. OS ALUNOS DA EJA: SUJEITOS HISTÓRICOS**

Em se tratando da Educação de Jovens e Adultos, Paulo Freire é o principal estudioso do assunto. Segundo ele (1996), a necessidade de uma pedagogia libertadora tem a ver com uma superação de uma tradição pedagógica mecanicista e apolítica sobre o processo de conhecimento na escola; sob esse ponto de vista, deve-se valorizar a diversidade cultural como parte integrante desse processo.

Em 1940, quando começaram as primeiras iniciativas governamentais para lidar com o analfabetismo entre adultos no Brasil, entendia-se que sua erradicação seria fundamental para o crescimento econômico do país.

O analfabetismo era visto como um mal social e o analfabeto como um sujeito incapaz. Já na década de 50 via-se no analfabeto um eleitor em potencial, uma vez que, nessa época, o analfabeto não votava. Era a crença na participação de todos, como eleitores, para o desenvolvimento do país.

Em 1960 os analfabetos juntaram-se aos movimentos estudantis e sindicatos. Foi aí que a questão do analfabeto passou a ser vista como consequência direta da pobreza e de uma política de manutenção de desigualdades.

Neste contexto as idéias de Paulo Freire ganham

dimensão nacional com uma proposta inovadora, voltada para a libertação e conscientização de homens e mulheres como sujeitos transformadores da realidade social e da sua própria história. Nesse sentido a educação passa a ser vista como um ato político (Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008, p. 26)

As concepções que marcam a produção historiográfica da Nova História Cultural e da Nova Esquerda Inglesa a partir de referenciais teóricos e de métodos permitem a compreensão de que o conhecimento histórico possui diferentes formas de explicar o seu objeto de investigação, constituídos nas experiências dos sujeitos.

A apropriação dessas produções e concepções permite que o ensino de história contribua para a formação de uma consciência histórico-crítica dos alunos.

Além do mais, esse novo modo de estudar as experiências do passado leva o aluno à negação do modo tradicional de consciência histórica, aquela tradicional, factual e oficial de heróis.

## **3. O ENSINO DA HISTÓRIA E OS CURRÍCULOS DA EJA.**

Numa sociedade como a nossa que ainda se ressentida de uma formação escravocrata e hierárquica, a EJA foi vista como uma compensação e não como um direito. Nesse contexto da EJA, o ensino de História poderá contribuir como possibilidade de ascensão profissional, de opções políticas, de interesse pelo conhecimento das relações históricas que permeiam a comunidade em que se vive além de ser um espaço que contribuirá para a capacidade de percepção da escola como um local que auxiliará o cidadão na constituição de sua identidade, auxiliando-o nas relações sociais e culturais.

O ensino de História muitas vezes vem desvinculado da realidade local dos alunos. Não se tem um programa curricular que atenda aos interesses imediatos do alunado, bem como não se justifica o trabalho do conteúdo pelo simples conteúdo.

As aulas seguem o roteiro programático de certos livros didáticos, deixando muitas vezes de fazer uso de material oriundo dos próprios alunos como a experiência de vida como as tantas histórias que eles conhecem acerca da vivência em comunidade, a mentalidade forjada em tantos anos de sobrevivência.

Não se descarta a História escrita em livros e periódicos há muito estabelecidos como o norteador do ensino acadêmico.

Contudo, é possível conhecer as relações sociais e políticas do povo, as relações de poder entre indivíduos, partindo da História das minorias, ou seja, a "História vista de baixo" segundo alguns

autores da Nova Esquerda Inglesa. A História quando é percebida dessa forma se torna mais prazerosa de ser estudada e compreendida pelos alunos, porque todos podem contribuir através de exemplos e opiniões que constroem a compreensão.

Outro ponto de reflexão é o de que os conteúdos abordados têm que aproximar os estudantes dos fatos históricos e fazer com que se sintam responsáveis pela construção da sua própria História. O conteúdo deve estabelecer uma relação entre o que o aluno está aprendendo e o que está vivenciando.

O jovem e adulto deve estar consciente do seu papel de inventor dos fatos sociais. Um dos aspectos importantes dos PCN's é aquele que, abordando a questão do Ensino, mostra que ele não deve ser voltado somente para a preparação dos estudos futuros, mas para a importância do aluno desenvolver um papel ativo na construção do seu conhecimento.

Essa visão deixa claro que é fundamental que a educação seja voltada para o desenvolvimento da capacidade criadora do educando. Os PCN's são elementos de políticas educacionais que difundem ideologias, propostas culturais e pedagógicas com grande poder de penetração no contexto escolar.

No entanto, o que o aluno aprende não pode ser determinado exclusivamente por esses documentos. É o que nos mostra Fonseca (2003, p.33): O que os alunos aprendem e deixam de aprender – o que é e o que não é transmitido a eles cotidianamente nas nossas escolas – é mais amplo e mais complexo do que qualquer documento. O chamado currículo real é construído tendo por base uma série de processos e significados que envolvem a cultura escolar e a cultura da vida cotidiana.

No Brasil, há uma distância entre a realidade educacional daquilo que foi realizado no ambiente escolar e os objetivos educacionais proclamados, mas poucas vezes realizados. As nossas escolas carecem de bibliografias variadas e de práticas pedagógicas que estimulem o debate, a investigação e a criação. A historiografia que é difundida e consumida pela maioria dos alunos ainda traz características positivistas.

No entanto, sabe-se hoje, que a História não se manifesta apenas nos aspectos políticos ou econômicos das sociedades. Podemos resgatar a História a partir de qualquer tema ou objeto do nosso cotidiano.

Entretanto, a historiografia tradicional e a concepção histórica de pais, alunos e de muitos professores, dificultam a incorporação de novos temas, problemas e fontes na prática do ensino de História nas nossas escolas.

#### **4.O ALUNO DA EJA E CONSTRUÇÃO DE SUA HISTÓRIA.**

Para Chartier apud Diretrizes (2006, p. 17), a cultura

não é situada nem acima nem tampouco abaixo das relações econômicas e sociais. Assim, todas as práticas, sejam econômicas ou culturais, dependem das representações utilizadas pelos indivíduos para darem sentido ao seu mundo.

Isso pode ser observado na fala dos alunos da EJA. Cita-se aqui comentário de um deles: “Quando eu morava no Marquinho, professora, eu uma vez vi um boitatá: era duas bola de fogo bem grande que se batiam no ar e saia fâisca... (aluna Neusa).

Muito provavelmente, a aluna está partindo de idéias há muito estabelecidas na comunidade. O que ela fala é, ao mesmo tempo, a fala de todas as pessoas que ela ouviu, com as quais ela interagiu com curiosidade ingênua. Pois todas essas “estórias” são contadas e recontadas inúmeras vezes, a ponto de, através da exaustão, não se perceber mais sua autenticidade, a essência da verdade nas palavras proferidas.

Quando se ouve uma narrativa de pessoa da comunidade, logo se percebe os tantos sujeitos ocultos por trás dos discursos. Ali não existe só uma pessoa relatando os fatos, as crenças, os mitos, as alegorias, enfim, a memória. Ali está todo um esforço coletivo para se explicar determinados fenômenos e ocorrências, tantas vezes, obscuro para a maioria desse coletivo.

Em todo o caso, fica a questão no ar: será mesmo que essa senhora foi testemunha de tal fenômeno? Não estaria apenas deixando fluir a sua memória, cuja compreensão é a própria extensão, a lembrança de causos e mais causos ouvidos através do tempo? Até que ponto se deve indagar a aluna acerca da veracidade dos fatos? O que ela fala condiz com ocorrências físicas materiais?

Tais questões nos empertigam os conceitos da reminiscência. Enquanto ela fala, a comunidade toda também fala. Eis um conjunto de falas, onde o discurso individual deixa de prevalecer como produto da verdade momentânea. Isso tudo extrapola o âmbito comunitário, pois os causos podem ser repassados de uma comunidade para outra, de um povo para outro através das memórias. Os mais velhos, os anciãos do grupo, vêm colhendo testemunhos pela vida a fora, somente para semear em novas searas. O que eles mais querem é ver tenras sementes florindo em esplendor.

Os causos são flores que desabrocham, transmitindo a idéia de que existem outras formas de representação do mundo visual, que a mentalidade coletiva deve considerar a crença como descrição do meio. Nada pode ser tão simplificado... Todas as verdades eternas merecem alegorias ou idealizações, dependendo do grau da trama fantástica.

O que era o boitatá para a aluna? Duas bolas de fogo que se chocavam no ar. Essa representação do mito é análoga em todas as localidades cantagalenses. Todos os causos referentes ao

“fogo-fátuo”, se é que se pode dizer isso do fenômeno, são idênticos. Sinal de que tiveram uma origem comum ou todos surgiram de uma mesma mente criativa em tempos remotos.

Em que o presente caso pode ajudar na construção da história pessoal da aluna bem como da comunidade? Como a aluna construiu seu imaginário mitológico? Como a infância atende aos interesses das gerações mais velhas? Ora, servindo-se das histórias regionais, acompanhando a recriação da natureza por meio da escuta, da sensação de que o mundo possui forças misteriosas, instáveis, que interferem diretamente na existência das pessoas. Ao ouvir, ela também interagiu em seu mundo de compreensão, dali em diante, propôs-se desacreditar acreditando, depositar reproduzindo os discursos.

A representação é considerada a pedra angular da Nova História Cultural, conceito superior ao de mentalidade é entendida como as diferentes formas através das quais as comunidades, partindo de suas diferenças sociais e culturais, percebem e compreendem sua sociedade e sua própria história.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa acerca do ensino de História na EJA percebe-se que, quando se refere ao histórico do ensino de História no Brasil, as poucas mudanças de curso relacionam-se às transformações ocorridas nas áreas política, social, econômica, cultural e educacional.

Atualmente, o ensino de História vem sendo norteado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais e no Paraná pelas Diretrizes Curriculares para o Ensino de História.

Entretanto, o que o aluno aprende não pode ser determinado exclusivamente por esses documentos

institucionais. É possível perceber que temas ligados à História dos nossos alunos (do município) e à História Local (vilas e bairros) não estão inseridos na grade curricular oficial, embora tanto professores quanto alunos achem importante e necessária tal abordagem da realidade. Vale ressaltar que se verificou alguma predisposição de certos professores na inserção da História Local na grade curricular. Constatou-se que a maioria dos professores vem utilizando o livro didático como um único roteiro a ser seguido e é grande a predominância da aula expositiva como meio eficiente de transmissão de conhecimentos.

Não existe uma receita ideal para melhorar o ensino e a aprendizagem de História. Contudo, é importante que se saiba: os alunos são diferentes entre si, por isso o professor não pode se limitar ao uso de uma só metodologia como prática de ensino. Espera-se que o diagnóstico do ensino de História possa servir como instrumento de reflexão a fim de que os professores de História procurem otimizar o processo de ensino e aprendizagem em História.

#### REFERÊNCIAS

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**. História, Brasília, 1998.
- BURKE, P. **A escrita da história**. São Paulo: Unesp, 1982.
- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- FONSECA, S. G. **Didática e prática de ensino: experiências, reflexões e aprendizagem**. Campinas, SP: Papirus, 2003.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia – Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- LE GOFF, J. **História e Memória**. São Paulo: Unicamp, 2003.
- PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação **Diretrizes Curriculares de História**. Curitiba. Versão 2006.
- THOMPSON, P. **A voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.